

Pesquisa social na análise de migração compulsória: Etnografia da mudança

Milena Marcintha Alves Braz¹, Antonia Ieda de Souza Prado²

¹ Departamento de Economia Doméstica – Universidade Federal do Ceará – UFC e Curso de Direito da Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF - Fortaleza, Ceará, Brasil. milena.braz@hotmail.com

² Centro de Educação – Universidade Estadual do Ceará – UECE e Curso de Direito da Faculdade Integrada da Grande Fortaleza – FGF - Fortaleza, Ceará, Brasil. iedaprado@hotmail.com

Resumo. Ao longo dos anos de 2007 a 2011 analisou-se a migração compulsória de camponeses residentes no sertão do Ceará, Brasil. A mudança do Município (Jaguaribara) para o novo espaço (Nova Jaguaribara) ocorreu em razão do alagamento que a barragem do Castanhão causou no local anterior. O objetivo deste ensaio é explicitar a metodologia empregada para a consecução do estudo; que consistiu numa abordagem qualitativa com fulcro na Antropologia Social e emprego de procedimentos etnográficos. No percurso teórico-metodológico, buscou-se o desenvolvimento de uma “etnografia da mudança” no intuito de desvendar e compreender as mudanças ocorridas nos modos de vida dos grupos analisados, ou seja, a descrição detalhada do dilema que os sujeitos sociais experienciaram na relação dos seus saberes antigos com os novos, considerando que os saberes trazidos do antigo espaço foram insuficientes para lidar com o novo tempo.

Palavras-chave: Pesquisa Social; Etnografia da Mudança; Migração compulsória.

Social research on compulsory migration analysis: building a Ethnography of change.

Abstract. Along the years of 2007 to 2011 analyzed the compulsory migration of farmers living in the backwoods of Ceará, Brazil. The change of county (Jaguaribara) to the new space (New Jaguaribara) Occurred due to the damage caused by flooding of the dam (Castanhão) to the old location. The purpose of this essay is to explain the methodology used to achieve the study consisted of a qualitative approach with the fulcrum in Social Anthropology and use of ethnographic procedures. In the theoretical-methodological approach it was sought the development of an "ethnography of the change" in order to uncover and understand the changes in lifestyles of the analysed groups, that is, the detailed description of the dilemma that the subject social ones experienced in the relation of its old knowledge with the new, considering that the knowledge brought of the old space were insufficient to deal with the new time.

Keywords: Social Research; Ethnography of the change; Compulsory migration.

1 Introdução

Este ensaio reflete acerca da metodologia qualitativa empregada em uma pesquisa ocorrida de 2007 a 2011 sobre migração compulsória no sertão do Ceará-Brasil. O intento da investigação foi compreender e explicar como ocorre a mudança de uma população de um município inteiro (Jaguaribara¹) para outro espaço construído pelo Governo do Estado (Nova Jaguaribara). Associados à incursão no campo de pesquisa, também foram analisados detalhadamente diversos documentos

¹ Em 2001, no sertão do Ceará-Brasil, um município inteiro foi deslocado para um novo espaço físico. Jaguaribara teve seus moradores transferidos compulsoriamente em razão do alagamento que a barragem do Castanhão causou no local onde habitavam.

institucionais que cuidam da construção da barragem do Castanhão² e da nova cidade, da mudança, a respeito do Plano de Reestruturação Econômica para o Município etc.

A história de Jaguaribara é similar à de outras localidades submetidas a intervenções de grandes projetos econômicos para a construção de barragens e hidrelétricas, e têm em comum a necessidade de deslocar grandes massas populacionais de seus lugares de origem para outros espaços. A mudança física do referido Município ocorreu em julho de 2001, trazendo consigo diversas alterações, como: mudanças nos trajetos diários, nas moradias, na vizinhança, nos saberes e saber-fazer que os moradores detinham anteriormente. Nestes casos, os saberes necessitaram de reformulações para a convivência com o novo.

Podemos acentuar que a mudança física alterou em menor ou maior proporção a vida de todos os jaguaribarenses, entretanto, por questões metodológicas, definimos empiricamente as relações de trabalho vivenciadas por lavadeiras, pescadores e agricultores, trabalhadores estes que, antes favorecidos pela localização do rio Jaguaribe próximo às suas moradias, desenvolviam *tranquilamente* seus trabalhos dentro e no entorno do manancial.

As histórias envolvendo relatos de lavadeiras, pescadores e agricultores trazem indícios para o entendimento da alteração na forma de organizar o trabalho, que envolve questões referentes aos saberes populares em permanente relação com os novos saberes técnicos exigidos para a manipulação dos novos trabalhos.

As relações com o novo modo de realizar o trabalho de lavadeiras, pescadores e agricultores diferem em suas especificidades, mas existe algo em comum - a grande mudança em seus modos de vida - em razão da transferência de suas ocupações em torno de um rio natural para um açude construído artificialmente. Isto implicou a necessidade de uma rápida absorção de um novo conhecimento para realizar seus antigos trabalhos no novo tempo.

Ante exposto, buscamos compreender, na dimensão privada de suas experiências, as mudanças em seus modos de vida decorrentes da imposição de uma esfera pública orientada pela lógica racional da produção de mercadorias; ou seja, a pretensão foi analisar a relação entre a história e a biografia no sentido de Wright Mills (1965).

Para tanto, foi empreendida extensa pesquisa de campo, na qual foram buscadas pistas e fatos para compreender a influência antes e depois da mudança nos modos de vida dos sujeitos envolvidos. As descrições foram captadas da observação com registros em diário de campo, além da aplicação de questionários com perguntas abertas e entrevistas gravadas.

A construção da barragem do Castanhão continua sendo alvo de debates, em razão da multiplicidade e complexidade dos influxos sociais que, até hoje, repercutem na vida dos moradores transferidos. Um destes é o dilema da sobrevivência³ que enfrenta parte da população de Nova Jaguaribara, em decorrência da reestruturação de seus modos de vida.

2 Contexto da pesquisa e o método de abordagem

No convívio em Nova Jaguaribara, com as novas moradias, vizinhança e organização da cidade com os seus equipamentos sociais situados em lugares diversos do anterior, ficou sensível a necessidade de aprender novas coisas e se desapegar das práticas anteriores. Mesmo os moradores residentes na zona

2 A barragem do Castanhão é uma obra constante no Plano de Recursos Hídricos do Estado do Ceará; situa-se no sudoeste do povoado de Castanhão, na região denominada Boqueirão do Cunha, Município de Alto Santo, no Estado do Ceará-Brasil.

3 Desenvolvemos, no mestrado em Sociologia da UFC, uma dissertação intitulada "Nova Jaguaribara: representações sobre o modo de vida urbano". O mencionado trabalho apontou como um dos resultados da pesquisa os dilemas de sobrevivência dos moradores na nova cidade, em razão da mudança de espaço.

urbana do antigo lugar compartilhavam de uma sociabilidade diferente daquela requerida no novo espaço.

Na antiga cidade, as casas conjugadas facilitavam as conversas nas calçadas, ao embalo das cadeiras de balanço, ao findar da tarde. Eram rotineiros e conhecidos para todos os moradores os trajetos para a igreja, mercado, escolas, bancos, posto de saúde. Habitualmente, nos quintais, criavam-se galinhas, porcos, carneiros, animais que também tinham tráfego livre nas ruas durante o dia, indo usufruir da vegetação e água do rio Jaguaribe.

Diariamente, do rio Jaguaribe, pescadores retiravam o sustento de suas famílias; da fertilidade das margens do rio, beneficiavam-se pequenos agricultores que cultivavam variados alimentos; na correnteza do rio, sobre as pedras, lavadeiras exerciam o seu trabalho; e, nos finais de semana, o rio era fonte de lazer, quando muitas pessoas usufruíam de suas águas, bem como dos restaurantes das proximidades, servindo-se do peixe fresco.

Com a mudança da cidade de um lugar a outro, o rio perdeu sua função de espaço de trabalho e lazer. Houve também alteração nos percursos diários e hábitos, seja nas conversas embaladas pelas cadeiras nas calçadas, na criação de animais domésticos nos quintais etc. A alteração nos modos de vida significou a necessidade de aprender mais coisas: novos trajetos, espaços, hábitos e trabalhos.

O trabalho, cuja execução dependia do rio, foi objeto de grandes alterações, quando passou a ser exercido no açude. Os moradores que desenvolviam atividades de subsistência no rio Jaguaribe e em outros pequenos açudes, na nova cidade, migraram para outras atividades, como a piscicultura, outros foram transferidos para um projeto de reassentamento de agricultura irrigada e alguns se aposentaram.

No novo espaço, a agricultura irrigada e a criação de peixe em viveiro exigem dos trabalhadores não só o aprendizado de saberes técnicos para a produção e a comercialização, mas também outro aprendizado, concernente a mudanças subjetivas na organização social e no trato com a natureza.

A difusão de informações e técnicas de trabalho para os agricultores e piscicultores é orientada para um trabalho cooperativo com fins de comercialização. O principal comprador dos produtos produzidos pelos reassentados é a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, a qual destina os produtos para a merenda escolar e para outras instituições que trabalham com projetos sociais.

Diferentemente dos trabalhos de agricultores e pescadores, que estão sendo reorientados para a produção e comercialização, o trabalho das lavadeiras carece de projetos para sua reprodução. Talvez o fato se explique pela dificuldade de orientar o trabalho da lavadeira para a comercialização. Assim, para essas trabalhadoras, as mudanças ocorreram mais na esfera privada, alterando a forma de lavar as roupas, antes, tarefa realizada próximo de casa, no rio Jaguaribe e, hoje, em casa, nas pias com água encanada, ou numa parte do açude Castanhão, localizada em baixo de uma ponte, neste caso, tendo as lavadeiras que se deslocar cerca de 6 km (12 km ida e volta).

Diante do exposto, é perceptível a grande alteração no modo de vida do grupo de trabalhadores privilegiado na investigação que, na maioria dos casos, teve a situação de sobrevivência dificultada no novo espaço. Para fins de coleta de dados e descrição da situação vivenciada pelos trabalhadores na nova cidade, explicitamos a seguir a estratégia de condução da pesquisa.

2.1 Definição do método de abordagem

As várias idas e permanências no campo de pesquisa contribuíram, sobremaneira, para a escolha das melhores estratégias para a investigação e a definição para o melhor direcionamento da pesquisa. Nesta investigação, a coleta de dados empíricos foi iniciada em Jaguaribara (município localizado no espaço anterior, hoje submerso) e complementada com dados do período da mudança física do

Município, bem assim, com informações do modo de vida em Nova Jaguaribara (cidade para onde os moradores foram deslocados).

A delimitação do campo de pesquisa e dos interlocutores foi ocorrendo de acordo com as incursões realizadas no local da investigação, conforme a movimentação dos moradores nos espaços (antigo e novo) de moradia. Para tanto, foram priorizadas no percurso metodológico estratégias etnográficas próprias da Antropologia Social, no intuito de desvendar as mudanças ocorridas no modo de vida de lavadeiras, pescadores e agricultores, com suporte das transformações na forma de trabalho⁴. A intenção foi de compreender os sentidos que os sujeitos envolvidos neste processo atribuem à mudança, ou seja, como eles contam essa história (Geertz, 2001).

Buscamos registrar não apenas a diversidade cultural do universo pesquisado, mas, antes de tudo, perceber o significado das práticas sociais, dos comportamentos como “experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido”. (Magnani, 2000, p.18).

Sob a perspectiva de análise que prioriza a compreensão dos sentidos que os sujeitos sociais atribuem às suas vidas, Gilberto Velho (1989) diz que esse entendimento que os pesquisadores buscam acerca da percepção das pessoas sobre suas realidades sociais trata da verificação de quais categorias são utilizadas, como se relacionam e hierarquizam, e os princípios que presidem esta organização⁵.

Nesta investigação, a ênfase foi conferida à compreensão dos significados que os informantes têm dos espaços pesquisados e das suas práticas no novo local. Sobre este assunto, Geertz (2001) discorre que, ao empreender um trabalho em campo, deve-se desprever de qualquer visão fechada acerca da cultura. Não se pode ter um parâmetro do que é correto, ou não, para os outros e sim interpretar o significado que eles dão a sua realidade, seja ela similar ou bem diferente da nossa. Ainda sobre a ênfase na visão dos entrevistados, Gilberto Velho (1989) confirma a importância de procurar perceber como as pessoas da sociedade investigada elaboram e definem a sua realidade, como articulam e que peso relativo têm os fatos que vivenciam.

A perspectiva de condução da pesquisa empírica, sugerida por Gilberto Velho, foi seguida nessa investigação, sem perder de vista as lúcidas e instigantes sugestões defendidas por Pierre Bourdieu (1977) para a Ciência Social, principalmente quando este defende o rigor científico, mas combate a rigidez do pensamento, abrindo perspectivas para um trabalho interdisciplinar. De acordo com esta lógica, a intenção foi desvendar o mundo social em Nova Jaguaribara, mas também refletir sobre nossa posição de pesquisadoras, indagando com qual interesse o mundo social é classificado, lido e elaborado.

Na pesquisa social, está explícita a complicada relação entre sujeito e objeto. De um lado, o rigor científico exige a objetividade na pesquisa, mas na relação de conhecimento que se estabelece nas Ciências Sociais, é inarredável a subjetividade do pesquisador. Assim, na pesquisa social, existe uma relação entre objetivismo e subjetivismo. A sociedade oferece uma estrutura social que pode ser alterada pela ação das pessoas. Esta relação é denominada por Bourdieu como *Sociologia da prática* – a relação dialética entre uma situação dada e um *habitus*. Aí a categoria *habitus* entra como elucidativa

4 O Plano de Reestruturação Econômica de Jaguaribara (SEBRAE: 2003) faz menção às três categorias econômicas como trabalhadores urbanos mais influenciados com a mudança. As lavadeiras de roupa, pescadores e agricultores residentes na área eram aproximadamente 180 pessoas, representando 11,5% da população economicamente ativa (PEA) da zona urbana da nova cidade.

5 Em um estudo sobre “representações” de classes médias em Copacabana, Gilberto Velho (1989) utiliza questionários e entrevistas, fazendo uma comparação entre proprietários e inquilinos do prédio estudado, e classificando os copacabanenses quanto à época de chegada ao bairro, além de comparar suas opiniões com moradores de outro prédio, e de outros bairros. Seu objetivo foi descobrir, junto aos entrevistados, a visão de mundo de cada grupo por meio das “representações”.

do processo relacional - o *habitus* é internalizado, mas pode ser modificado pelos sujeitos, mediante suas práticas, para, assim, transformar a realidade social.

Na esteira das reflexões de Bourdieu, foi pensado acerca da relação entre o campo institucional, que definiu a estrutura da cidade planejada, e a prática dos agentes sociais (moradores). Isto ensejou alguns questionamentos, por exemplo, sobre: como a estrutura urbana definida por meio de um planejamento técnico se articula com a produção do espaço social? Ou seja, como os moradores estão agindo para se adequar aos novos modos de sociabilidade demandadas na nova cidade?

Considerando o problema que se tenciona responder – Como os moradores reorganizaram seus modos de vida com amparo numa nova organização do trabalho? - É fundamental entender a atuação da tecnocracia estatal, que neste âmbito específico de deslocamento populacional, foi responsável por consolidar a construção da barragem, que determinou a migração compulsória em massa para a nova cidade e, conseqüentemente, um novo modo de vida.

Os moradores, ao serem transferidos para o novo espaço, tiveram que aprender outras maneiras de reproduzir suas vidas. Por esse motivo, foi buscado no estudo desvendar o relacionamento entre várias categorias de saber que ali coexistiam: o saber popular, o saber rural e urbano, o saber técnico e científico. O meio privilegiado para conhecer sobre o relacionamento entre estes saberes foi por meio das falas e ações dos sujeitos; entretanto, ao mesmo tempo, consideramos o contexto histórico, político e social onde se desenvolveu o projeto Castanhão e as mudanças decorrentes de sua implementação.

Para captar a compreensão dos agentes sociais, sobre a mudança, foi realizada uma escuta cuidadosa das experiências de lavadeiras, pescadores e agricultores envolvidos no processo. Os encontros com os trabalhadores ocorreram nas associações, residências e locais de trabalho; com vistas a coletar relatos de experiências acerca das mudanças em seus modos de vidas. Como supramencionado, na análise, não foi desconsiderado o papel da tecnocracia estatal responsável pela consolidação do projeto de mudança dos moradores, no que diz respeito à determinação dos novos modos de vida, à primeira vista, impostos aos sujeitos sociais envolvidos.

3 Metodologia

Para compreensão e explicitação das experiências vivenciadas pelas pessoas envolvidas na mudança, foi realizada uma *etnografia da mudança*, ou seja, a descrição detalhada do desafio que os sujeitos sociais experienciaram na relação dos seus saberes antigos com os novos, considerando que os saberes trazidos do antigo espaço foram insuficientes para lidar com o novo tempo.

O método etnográfico ainda é bastante questionado em relação a sua cientificidade no campo das Ciências Sociais, exatamente por não propor um afastamento do pesquisador em relação ao universo pesquisado, mas antes sugere uma imersão no campo de pesquisa, com vistas a uma melhor compreensão do fenômeno estudado. Para François Laplantine (2004), a etnografia é

[...] antes de tudo uma experiência física de imersão total, consistindo numa verdadeira aculturação ao invés, onde, longe de tentar compreender uma sociedade unicamente nas suas manifestações 'exteriores' (Durkheim), eu devo interiorizá-las através das significações que os próprios indivíduos atribuem a seus próprios comportamentos. (P. 23).

A concepção de etnografia, descrita por Laplantine, se mostrou adequada na prática desta investigação, considerando a intenção de explicar o fenômeno da mudança social, com vistas a apreender como estas mudanças se processam nas vidas das pessoas por elas afetadas. Para uma

imersão no campo, entretanto, no sentido descrito por Laplantine, é essencial o estabelecimento de uma relação de empatia entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, pois, se tiverem confiança, ficarão mais tranquilos para contar sobre suas vidas no doloroso procedimento de mudança que vivenciaram. Sobre o tema, Sato e Souza (citados por Alves & Justo 2001, p. 201) concordam que,

[...] o fornecimento e o ocultamento de informações ao pesquisador serão controlados pelas representações que essas pessoas criam sobre “quem é o pesquisador”. E o mesmo ocorre conosco. Essa atitude investigativa das pessoas do local em relação ao pesquisador o insere numa relação na qual a assimetria é menor do que ele eventualmente possa imaginar e isso tem implicações diretas para o seu trabalho de pesquisa. Essa assimetria no relacionamento deixa de ser motivo de surpresa quando vemos a pesquisa de campo como um processo de convivência entre pessoas. Sendo assim, não são apenas as regras e rigores metodológicos que nortearão a qualidade da pesquisa, mas a qualidade do relacionamento entre pesquisador e as pessoas do local pesquisado.

Prezando pela qualidade no relacionamento com os informantes, demandamos, ao longo da investigação, um diálogo sempre intermediado por pessoas conhecidas dos entrevistados; ou seja, quando alguém era visitado objetivando uma entrevista, buscávamos indicações de outros possíveis informantes. A criação desta rede de informantes, conhecidos uns dos outros, facilitou a coleta de dados.

Essa estratégia de aproximação foi buscada em virtude da compreensão de que, no Brasil, e em especial, em cidades pequenas, as pessoas se conhecem, e as redes de parentesco são extensas. Assim, apostamos na ideia de que, nesses locais, seria benéfico nos valer da rede de parentes e amigos para facilitar a pesquisa; isto é, aquilo que Roberto Da Matta (2000) identifica como redes de relações, as quais os brasileiros utilizam para facilitar a “navegação social”, facilitou adentrar o “universo relacional” do grupo estudado. Assim, após o estabelecimento de uma conversa, já era solicitado o apoio do informante para que ele nos apresentasse aos seus conhecidos que pudessem colaborar com a investigação.

A utilização da rede de relações de amizades e familiares foi primordial para o tipo de investigação privilegiada - qualitativa, descritiva e analítica. E a metodologia que mais se coadunou com as pretensões da investigação foi a abordagem etnográfica, pois possibilitou a aproximação entre sujeito e objeto, sem desqualificar o caráter científico da pesquisa.

Se a Etnografia é, conforme definiu Geertz (1989), *uma descrição densa*, a intenção foi realizar uma etnografia da mudança, da mudança física, mais ainda, da mudança nos modos de vida das pessoas por ela afetados. A etnografia da mudança realizada reuniu as características descritas por Marli André (2005), que conceitua o trabalho etnográfico com base em cinco características. A primeira é a utilização de técnicas tradicionalmente próximas à Etnografia, tais como a observação participante, a entrevista e a análise dos documentos. Para a autora,

[...] a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que a pesquisa tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, e explicar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. (P. 28).

Consoante a descrição de Marli André, entendemos que a investigação, ora expressa, se constituiu do caráter de observação participante, pois se manteve ao longo da investigação a interação com os informantes por meio de conversas e entrevistas; e, para aprofundar o conhecimento acerca da temática foram analisados documentos institucionais com vistas à compreensão, de modo mais contextualizado, do quadro de mudanças vivenciado pelos sujeitos sociais ali envolvidos.

A segunda característica descrita por André (2005) refere-se à relevância da figura do investigador no universo da pesquisa, pois, ao interagir diretamente no campo, suas percepções são fundamentais

para consolidação do estudo. Vivenciar as experiências de campo, a inquietação das pessoas com a mudança, o desalento com a situação na nova cidade, a inserção nas novas atividades, tudo isto foi primordial para melhor compreender o processo. A ênfase na pesquisa é a terceira característica apontada pela autora, ao defender a ideia de que a produção da pesquisa é mais relevante do que o produto ou as conclusões do estudo.

A quarta característica, imprescindível na Etnografia, é a compreensão dos significados, entendidos como as maneiras como as pessoas veem e interpretam os fatos e a si mesmas - esse é o desafio do pesquisador, de tentar entender a visão das pessoas envolvidas no trabalho de campo. A quinta característica reside no próprio trabalho de campo, pois, para a compreensão do universo e das experiências vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa, é necessária uma aproximação do pesquisador com os entrevistados.

Além das características descritas pela autora sobre o método etnográfico, mencionamos um aspecto não menos importante do trabalho em campo, qual seja, a dimensão ética da pesquisa. Esta se exprime na interação do pesquisador com os pesquisados, em face de problemas que aparecem no trabalho em campo, os quais exigem, por parte do pesquisador, sensibilidade para tratá-los. Geertz (2001, p. 43) chama a atenção, no trabalho de campo, para o “desequilíbrio entre a capacidade de revelar problemas e o poder de resolvê-los, por um lado, e a inerente tensão moral entre pesquisador e objeto, por outro”.

Na experiência de pesquisa em campo, foram vivenciadas situações tensas no contato entre nós e os informantes. Foi comum entre os entrevistados questionar acerca da necessidade daquela pesquisa, sua relevância e importância; indagaram bastante sobre em que suas falas poderiam contribuir com a investigação. Dentre as situações experienciadas neste sentido, evocamos uma informante idosa que colaborava com a pesquisa desde a antiga cidade. Numa conversa com ela na cidade nova, ela narrava novamente trechos da história de sua vida e, repentinamente, parou e indagou: O que as histórias de uma velha vão servir para este trabalho da Faculdade?

Desde o início da investigação, notamos que o modo mais compreensível, para a maioria dos informantes, para justificar a investigação em campo e as entrevistas era afirmar genericamente que se desenvolvia um *trabalho da Faculdade*. Essa explicação foi adotada como regra, por perceber que ela abria muitas possibilidades para diálogos. Se, por um lado, esta estratégia abriu as portas para adentrar as histórias das pessoas, por outro, ela não convencia totalmente da importância dos relatos para a feitura do trabalho, talvez por compreenderem que um trabalho de Faculdade não comporta um saber do senso comum.

Em razão da desconfiança ainda existente na fala dos entrevistados, justificávamos ainda a importância de suas falas, explicando que o trabalho ali desenvolvido se transformaria em um livro sobre a história de Jaguaribara, e, neste caso, eles seriam personagens da narrativa. Isto convencia melhor os interlocutores, deixando-os empolgados e mais dispostos para contar suas histórias; muitos, inclusive, convidavam outras pessoas da família para relatar também sobre suas vidas.

A estratégia empregada para a coleta de dados foi bem-sucedida, considerando-se a intenção da pesquisa de, com base nas narrativas individuais, alcançar a *narrativa social*, ou seja, saltar da dimensão biográfica para a histórica, inspirada em Wright Mills (1965).

5 Conclusões

Como exposto anteriormente, a abordagem de investigação privilegiada neste ensaio etnográfico foi a busca de feição qualitativa, com apoio nas estratégias etnográficas; e com base na situação de migração analisada, denominamos aqui “etnografia da mudança” por adotar as estratégias da

etnografia a fim de captar as singularidades de um processo de mudança física e social de um município inteiro que foi deslocado para outro espaço no sertão do Ceará.

A estratégia etnográfica exibiu-se como um arcabouço teórico-metodológico adequado para a investigação realizada, pois, ao mesmo tempo que fundamentou a dimensão científica da pesquisa social, ofereceu instrumentos técnicos para a coleta de dados. A perspectiva proporcionou uma aproximação do sujeito e objeto e a possibilidade de conhecer sobre a tessitura social que se dá numa relação de objetivismo e subjetivismo. Para tanto, demandamos compreender o novo com apoio numa relação entre a estruturação social (Projeto institucional da migração) e as ações das pessoas (como eles reorganizaram seus modos de vida na nova cidade). Não perdemos de vista, também, a ação do pesquisador em campo, o qual buscou o conhecimento da cultura local para melhor tirar proveito das técnicas de pesquisa.

As escolhas para a estratégia de coleta de dados se basearam no conhecimento da cultura local, por exemplo, ao definirmos que a intervenção se daria pela justificativa “trabalho da faculdade” e de se valer do universo relacional, as teias de amizades entre os interlocutores da pesquisa. A estratégia propiciou uma aproximação com os sujeitos da pesquisa, sendo assim possível mantermos uma situação de empatia, favorecendo o conhecimento mais detalhado das mudanças nos modos de vida. Retomando as lúcidas orientações de Clifford Geertz sobre a tensão moral decorrente da interação do sujeito com o objeto nas pesquisas etnográficas, relembraos de situações experimentadas ao longo da investigação, por exemplo, diálogos mantidos com pessoas desorientadas em relação aos novos trajetos, outras formas de trabalho, nova vizinhança, convivência com pessoas vindas de fora etc; experiências proporcionadas pela mudança física da cidade. Essas pessoas questionavam nas entrevistas acerca de soluções para os seus problemas, respostas para suas dúvidas. Alguns entrevistados buscavam em nós, pesquisadoras, a resposta às suas indagações ou a solução para as suas carências (de informações, materiais etc.) na nova cidade.

Em outras circunstâncias, alguns entrevistados demonstraram crer que pudéssemos trazer benefícios para a comunidade. Em uma ocasião de entrevista com uma lavadeira, ela, ao se lamentar da ausência na nova cidade de uma lavanderia pública, solicitou o registro da demanda no gravador (instrumento de pesquisa). Referida lavadeira acompanhou as demais entrevistas com outras lavadeiras, difundindo a notícia (deduzida por ela) de que a tarefa da investigadora era de registrar o que faltava no local, inclusive instruindo as colegas, para que falassem sobre a necessidade da lavanderia pública.

Os entrevistados criam uma expectativa acerca do trabalho dos pesquisadores, e há um paradoxo: enquanto, para estes, suas informações são muito importantes, não há nada material para oferecer aos informantes. Eles, ao prestarem informações, estão de alguma forma querendo se “beneficiar”; mesmo aqueles que compreendem bem o objetivo da pesquisa esperam algum “benefício”.

Assim, na investigação, enquanto questionávamos sobre o assunto do interesse da pesquisa, os informantes não estavam passivos: eles indagavam, sempre que possível, sobre o nosso papel de pesquisadoras naquele lugar, o que poderíamos fazer de efetivo para ajudá-los e, nessa hora, notávamos quão árdua é a tarefa da pesquisa social, pois, efetivamente, em termos práticos, nada há para oferecer.

Ante o exposto, a estratégia etnográfica foi a escolha mais acertada para a condução desta pesquisa, pois detém um referencial teórico-metodológico propício para análise de situações que demandam a relação direta do pesquisador com os sujeitos investigados. A estratégia etnográfica foi uma escolha adequada para orientar a necessidade do estabelecimento da empatia e alertar acerca das tensões entre sujeito e objeto na pesquisa qualitativa.

Referências

- Alves, A. D., & Justo, J. S. (2001). *Impactos da construção de usinas hidrelétricas na vida de ribeirinhos. Emancipação*. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Serviço Social e Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, v. 1, n. 1.
- André, M. E. D. A. (2005) *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus.
- Bourdieu, P. [coord.] (1997). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Braz, Milena Marcintha Alves (2005). *Nova Jaguaribara: Representações sobre o modo de vida urbano*. Fortaleza: Dissertação de Mestrado/UFC.
- Geertz, C., (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Geertz, C., (2001). *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Laplantine, F., (2004). *A descrição etnográfica*. Tradução de João Manuel Ribeiro e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem.
- Magnani, J. G.C., (2000). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP.
- Matta, R. (2000). *A casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Mills, C. W. (1965). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Velho, G., (1989). *A Utopia Urbana. Um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.